

As fronteiras dos *selves* e os constrangimentos nos eventos do *Heavy Metal underground*

Muryel Moura dos Santos

Universidade Federal de Campina Grande
(UFCG/FAPESQ-PB)
muryel_moura@hotmail.com
<https://orcid.org/0000-0003-1552-2189>

RESUMO

Este artigo analisa, sob uma perspectiva etnográfica, o constrangimento nos encontros entre *headbangers* e *White Metal* (*Metal cristão*) durante *shows* de *Heavy Metal* em Campina Grande-PB. Dividido em quatro tópicos, o estudo explora: 1) aspectos metodológicos da pesquisa; 2) o constrangimento como resultado de expectativas não realizadas na identificação social e na interação; 3) como a associação explícita ao Cristianismo ou ao *Metal cristão* gera constrangimento sistemático em encontros ordinários e excepcionais; e 4) a possibilidade de indivíduos suprimirem a vergonha e reconstruírem suas trajetórias ao retornar aos *headbangers*. Conclui-se que o constrangimento, causado pela adesão ou prática artística cristã no meio *underground*, influencia a organização do grupo e reforça práticas que contestam o *status quo* religioso e político, mantendo a identidade subversiva do *Heavy Metal*. O estudo revela os impactos dessas dinâmicas na coesão e nas interações sociais na cena *Metal* campinense.

Palavras-chave: *Heavy Metal*; *Headbanger*; Identificação; Constrangimento; Ciências Sociais.

The Boundaries of the Selves and Embarrassment in Underground Heavy Metal Events

ABSTRACT

This article examines, from an ethnographic perspective, the embarrassment in encounters between headbangers and White Metal (Christian Metal) during Heavy Metal shows in Campina Grande, Paraíba, Brazil. Divided into four topics, the study explores: 1) the methodological aspects of the research; 2) embarrassment as a result of unfulfilled expectations in social identification and interaction; 3) how explicit association with Christianity or Christian Metal generates systematic embarrassment in both ordinary and exceptional encounters; and 4) the possibility of individuals suppressing shame and reconstructing their trajectories when returning to the headbangers. It concludes that the embarrassment, caused by adherence to or artistic practice of Christianity in the underground scene, influences the group's organization and reinforces practices that challenge the religious and political status quo, maintaining Heavy Metal's subversive identity. The study reveals the impacts of these dynamics on cohesion and social interactions within the campinense Metal scene.

Keywords: Heavy Metal; Headbanger; Identification; Embarrassment; Social science.

Las fronteras del *self* y la vergüenza en los eventos del *Heavy Metal underground*

RESUMEN

Este artículo analiza, desde una perspectiva etnográfica, la vergüenza en los encuentros entre *headbangers* y *White Metal* (*Metal cristiano*) durante conciertos de *Heavy Metal* en Campina Grande-PB. Dividido en cuatro temas, el estudio explora: 1) aspectos metodológicos de la investigación; 2) la vergüenza como resultado de expectativas no cumplidas en la identificación social e interacción; 3) cómo la asociación explícita con el Cristianismo o el *Metal* cristiano genera sistemáticamente vergüenza en encuentros ordinarios y excepcionales; y 4) la posibilidad de que los individuos supriman la vergüenza y reconstruyan sus trayectorias al regresar a los *headbangers*. Se concluye que la vergüenza, causada por la adhesión o práctica artística cristiana en el medio *underground*, influye en la organización del grupo y refuerza prácticas que desafían el *status quo* religioso y político, manteniendo la identidad subversiva del *Heavy Metal*. El estudio revela los impactos de estas dinámicas en la cohesión y las interacciones sociales dentro de la escena *Metal* campinense.

Palabras clave: *Heavy Metal*; *Headbanger*; Identificación; Vergüenza; Ciencias Sociales.

Introdução

Era noite quando um jovem branco, alto, com cabelo curto e todo vestido de preto, com uma camisa de banda cristã, chegava de mototáxi a um *show* de *Heavy Metal*¹, em Campina Grande-PB, evento corriqueiro nas noites da cidade. A audiência que esperava o início do evento no centro da cidade observava quem era aquela pessoa que descia da moto para participar do *show* no antigo Vitrola bar. Embora a estética do rapaz se parecesse com a dos demais, prontamente, um membro do grupo anunciou: “*White merdal* na área!! *White merdal* na área!!”, em alto e bom som, para que todos olhassem e ouvissem a quem eram direcionados seus dizeres.

Diante da cena, o jovem sentiu-se envergonhado, tanto por estar sendo observado por aquele agrupamento de pessoas, quanto pelo fato de ele saber que os enunciados apontavam para a sua identificação social, causando-lhe constrangimento (ficando cabisbaixo) e ansiedade² (olhando para vários locais). Meses após essa situação, em outro *show*, o rapaz foi questionado por um colega sobre seu passado como ex-músico do *Metal cristão*, o que produziu nele hesitação e um olhar frio para o camarada que revelou algo que não deveria ser exposto.

Para o grupo local, a temática cristã aparece como desvio social que enfraquece ou pode enfraquecer o senso de unidade e suas carreiras, já que muitos membros que participam na condição de espectadores também são músicos³. Ao revisitar o material de pesquisa acumulado entre 2015 e 2024, sobre a prática *headbangers* na cidade, foi possível identificar que situações como as destacadas acima geram, nos indivíduos, constrangimento ou vergonha, no contexto de interação com o grupo (Santos, 2024)⁴. O membro que fica envergonhado por causa de seu dogma e prática musical voltados ao

¹ Utiliza-se o termo *Heavy Metal* como categoria de identificação de seus apreciadores, mas a pesquisa reconhece que o termo implica num dos vários subgêneros no *underground*, tais como *Thrash*, *Black*, *Speed* e outros.

² Desde 2015, esse comportamento foi identificado ao longo da pesquisa de campo. Conforme interlocutores próximos a esses indivíduos, tratava-se de uma vergonha advinda do fato de suas vidas terem sido marcadas negativamente pela associação ao *Metal cristão*.

³ Becker (1982), em seu trabalho sobre a arte, chamou a atenção para o fato de que, nos espaços de sociabilidade artística, reuniam-se não somente pessoas curiosas sobre as artes, mas outros artistas que compunham a audiência para sua apreciação. De maneira aproximada, essa é uma realidade comum aos membros do *Heavy Metal*, uma vez que ora atuam como músicos ora participam como audiência.

culto do sagrado, em especial, do campo de poder⁵, sente e sofre com a força social de não pertencer ao grupo, passando pela pressão de precisar “entrar em ordem”⁶.

Quando a pesquisa de campo que embasa este estudo foi iniciada, o foco foram os *shows* de *Heavy Metal* no ambiente *underground* campinense. Nesses espaços, o aspecto crítico ao Cristianismo era regular; a agremiação local fazia oposição tanto ao Cristianismo quanto a seus adeptos, aqueles chamados de *White Metal*, categoria do grupo para *Metal cristão*. Na pesquisa de campo, os membros comentavam sobre a presença de indivíduos relacionados ao estilo de música cristã nos eventos. Alguns *headbangers* afirmavam que não queriam os cristãos e muito menos dividiriam os palcos com eles; enquanto outros membros agiam com indiferença quando o tema surgia nas conversas.

É importante frisar que o *Metal*⁷ *secular* se coloca em oposição ao Cristianismo, tanto nas performances e nas letras, quanto nos discursos e ideologia do grupo, fato enfatizado regularmente no mundo artístico do *Heavy Metal*. A pesquisa desenvolvida ao longo dos anos revelou que os *headbangers* estão mantendo suas imagens e espaços de atuação social e profissional para o público de jovens e adultos.

Esta pesquisa teve inspiração nos trabalhos de Schutz (1978), Goffman (1959; 1988) e Elias (1990), acerca das relações sociais, as representações e a prática social enquanto maneira de analisar as relações sociais (*modus operandi*); bem como as reflexões de Wacquant (2002) sobre as atividades constituintes (músicos, produtores e membros) desse meio social. A base de dados apresentada neste artigo decorre de uma longa pesquisa de campo iniciada em 2015 e que continua sendo desenvolvida na atualidade. As descrições e análises resultam da experiência em mais de 100 *shows*, na cidade de Campina Grande-PB, João Pessoa-PB e Recife-PE, com uma audiência que variava entre 30 e 70 membros do *underground*. Participando como apreciador do estilo e como pesquisador, essas vivências nos possibilitaram registrar e acumular material ao longo do tempo.

Assim, o artigo analisa, a partir da compilação desses dados, como o constrangimento e a vergonha causados pela associação ao *Metal cristão* são demonstrados

⁵ Conforme Wacquant (2023, p. 83) observa acerca do espaço: “[local] em que os detentores das diversas formas de capital disputam supremacia entre si”, e destaca como sendo uma “batalha sobre a hierarquia relativa entre formas materiais e simbólicas de poder”.

⁶ O trabalho de Coelho (2014) mostra como os membros do *Heavy Metal* em Minas Gerais aprendem uns com os outros no contexto urbano – assim como ocorre nos espaços campinenses –, isto porque *underground* são espaços educativos.

⁷ Para melhor compreensão do leitor, destaco que, quando o termo *Metal* ou *Heavy Metal* ocorrer, estarei fazendo referência ao *Metal secular*, o que não inclui o *White Metal*, pois esse não é considerado no *underground* campinense.

para gerar unidade social nos encontros de *Heavy Metal*. O texto está dividido em quatro tópicos: o primeiro apresenta aspectos metodológicos da pesquisa; o segundo argumenta que o constrangimento está relacionado com as expectativas não realizadas da identificação social dos indivíduos e o espaço de interação; o terceiro trata de como a associação explícita ao Cristianismo, a participação de bandas ou apreciação do *Metal cristão* podem gerar constrangimento, sistematicamente, em situações de encontros ordinários e excepcionais; e o quarto tópico apresenta a possibilidade de o indivíduo suprimir a vergonha e reconstruir sua carreira quando este deseja retornar aos *headbanger*. Conforme Koury (2009), as emoções, tais como vergonha e constrangimento, não são subjetivas, mas objetivas e fundamentais para a sociabilidade cotidiana, as quais os indivíduos visam utilizar para controlar um grupo. Como conclusão, o constrangimento gerado, devido à prática artística cristã no meio *underground headbanger*, tem suas causas e impactos na organização e geração de expectativas de uma identificação social que se entende como subversiva ao *status quo* religioso e político.

Acerca da metodologia de pesquisa

O artigo apresenta dados de uma pesquisa iniciada na graduação em Ciências Sociais, na Universidade Federal de Campina Grande – Campus I, por meio da qual busquei entender as práticas sociais que operacionalizavam a socialização no grupo *headbanger* campinense. Nesta ocasião, iniciei o acompanhamento dos membros nos *shows*, excursões (dentro e fora do estado da Paraíba) e redes sociais. No mestrado em Ciências Sociais, pelo Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da mesma Universidade, o empreendimento de pesquisa continuou sendo desenvolvido, porém, com as discussões ampliadas, bem como aumentando o acervo de dados de pesquisa provenientes da inserção em campo por meio da observação dos encontros ordinários do cotidiano, do excepcional dos *shows* e das redes sociais, totalizando aproximadamente 1000 anotações de mais de 100 *shows*.

A pesquisa se configura como qualitativa, por meio da qual busquei experimentar o cotidiano e conhecer o grupo para além dos *shows*, fato que possibilitou identificar coerências e discrepâncias da prática social (Malinowski, 1998). A investigação privilegiou os momentos de excursões, através dos quais foi possível acompanhar os membros em outras cidades e estados, como Recife-PE e João Pessoa-PB. Eles transitavam devido à produção de eventos ser constante nessas cidades, fazendo com que os músicos locais saíssem de seu lugar de origem tanto para prestigiar outras bandas como para realizar suas

apresentações. Além disso, nesses momentos, foi possível conhecer novos interlocutores da pesquisa, acompanhando-os nos espaços de sociabilidade, a fim de criar laços sociais e ser avaliado por outros. Como Gerald Berreman (1975) destacou em um de seus trabalhos na Índia, a pesquisa que foca no trabalho etnográfico e mantém interação entre o pesquisador e o interlocutor cria e estabelece laços sociais que são fundamentais para o seu desenvolvimento, uma vez que esta não é feita isoladamente, mas realizada por meio das relações sociais de campo, dialeticamente.

Nesse contexto de vivências e trocas sociais, é importante destacar que o grupo local se opunha ao *White Metal*, fato que demandou conversas com os integrantes apenas do *Metal* não cristão. Caso houvesse tentativa de aproximação com aqueles, eu seria compreendido como um traidor do grupo, afinal, também sou membro.

Mesmo mantendo esse cuidado em relação às interações, em alguns momentos tive dificuldade em fazer anotações no caderno de campo. Membros que sabiam da realização da pesquisa com o grupo tentavam olhar o que eu escrevia ou mesmo mandavam outro integrante tentar ler os registros no caderno sem que eu percebesse, ação que poderia ser caracterizada como controle de informação do grupo. O trabalho de Lopes (2008), na cidade do Rio de Janeiro, sobre a dessacralização de símbolos religiosos, executados e performados nos *shows*, destaca que, mesmo sendo *headbanger*, o pesquisador sentia que era entendido como uma ameaça por observar o grupo como um fenômeno cultural urbano. Nessa mesma perspectiva, havia alguns membros que se aproximavam de mim na tentativa de se apresentar como “modelo” de *headbanger*, como alguém de um porte social e cultural distinto sobre o *Heavy Metal*, enquanto outros se aproximavam desejando contribuir com a pesquisa.

Quando a temática dos grupos antagônicos (*Heavy Metal* “secular” e *Metal cristão*) surgia nas conversas, eu fazia um esforço para memorizar as informações e depois transcrevê-las no caderno de pesquisa⁸. Compreendi que os aspectos mencionados anteriormente falavam sobre suas relações, o que poderia ou não ser anotado no caderno de campo, mas minha experiência como ex-músico e membro foi maior do que esses desafios. O *status* de membro possibilitou a conversa com músicos e grande parte da audiência local, algo que, talvez, pudesse ser de difícil acesso para outros pesquisadores.

Foi com essa observação de campo que a pesquisa desvendou que elementos como camisa de banda, comprimento do cabelo ou tatuagens não eram garantias de

⁸ O trabalho de Grillo (2013), sobre o tráfico e o roubo em favelas, mostra a importância da observação e da memorização para o prosseguimento das pesquisas num contexto marcado por tensões sociais.

pertencimento ao grupo, como pressupõe o senso comum. O membro que deseja pertencer precisa dominar uma série de práticas que conotam sua adesão à turma, tais como: participação regular nas atividades como músico ou audiência; conhecer a história do grupo; ter conhecimento sobre as singularidades *headbanger*; apresentar uma reflexividade crítica sobre a realidade experienciada; demonstrar possuir gosto musical pelo *Metal*. Por isso, a pesquisa de campo ao longo dos anos foi fundamental para etnografar momentos de encontros do grupo nos eventos.

Nas ocasiões de encontros nos shows de *Heavy Metal* em Campina Grande, eu chegava antes do início das atividades, assistia à montagem do palco e, como transitava no *backstage*, assistia às apresentações e, no fim, conversava com músicos, membros e produtores para entender as diferentes percepções do grupo sobre o *show* enquanto ritual (Segalen, 2002). Faz-se necessário informar, ainda, que foram recolhidos dados provenientes das redes sociais dos membros (*Facebook* e *WhatsApp*), a partir das quais foi possível participar e acompanhar os interlocutores e ter uma percepção da dinâmica, dentro e fora, de suas relações sociais na produção de unidade, negociação e tensão social.

Além desses espaços, como *shows* e redes sociais, a pesquisa adentrou aos espaços cotidianos, como: as casas de alguns membros nos bairros de classe média baixa e alta da cidade; universidade, centro da cidade, bares e lanchonetes. Esses momentos eram regados de cordialidade masculina, e realizados por conhecidos e interlocutores da pesquisa. Boa parte dos participantes tinha formação acadêmica nas áreas de exatas, natureza e humanas; enquanto outros já eram profissionais estabelecidos no mercado de trabalho ou estavam especializando o conhecimento dessas áreas em programas de pós-graduação em instituições públicas e privadas. Havia membros que trabalhavam por meio de aplicativo de motorista (*Uber* e *99*), vendedores de produtos alimentícios, vestuário e informática – esses participavam dos *shows* na condição tanto de músicos, quanto de audiência e de produtores.

Os grupos investigados eram constituídos por jovens e adultos, na faixa etária entre 16 e 45 anos; a maior parte formada de homens, entre solteiros e casados, brancos, amarelos e com pouca participação de negros. Com relação ao público feminino, pudemos constatar que as mulheres eram brancas e amarelas, com faixa etária entre 16 e 35 anos, e formação acadêmica nas áreas da saúde, exatas e humanas. A presença de mulheres negras no lócus de pesquisa era pouca, embora em outros locais, como Recife-PE, essa categoria fosse mais frequente, nos eventos no *underground*, ora como musicistas ora como audiência. Nos encontros com os membros, foi importante estar participando e interagindo com

essas pessoas em diferentes espaços e formas; assim como estar atento ao que eles dizem e fazem como práticas sociais para produzir diferentes graus de envolvimento em relação à adesão ao grupo.

Para o grupo local, os shows de *Heavy Metal* eram momentos de escape do conservadorismo religioso e político da cidade. Foi observado que muitas histórias de vida dos membros eram marcadas por essa vontade de fruição e de desejo de manter uma subversão ao *status quo* campinense. Essa subversão se mostrou fecunda para a análise quando os constituintes se declaravam anti-*White Metal*, agremiação formada por indivíduos que participavam dos eventos “seculares” e que, nos finais de semana, iam às igrejas louvar a Cristo, além de serem adeptos da evangelização da audiência pela música cristã.

Os *headbangers* entendem o *White Metal* como uma prática incoerente ao que eles fazem e dizem (Peirano, 2002); uma tentativa de tomar os espaços de apresentação e o público, motivo pelo qual tais adeptos não são bem-vindos nos encontros dos shows *undergrounds*. Dessa forma, os encontros proporcionados por esse tipo de música no *underground* são heterogêneos – em termos de público e interesses políticos e religiosos –, mas projetados como homogêneos, pelos *headbangers*, para se distanciar daqueles compreendidos pelo grupo como “manchados”⁹ pelo Cristianismo e as práticas religiosas de seu meio (Velho, 1994). Assim, evidenciamos a importância de observar o comportamento crítico do grupo enquanto uma forma de agência das posturas que se distancia daqueles que visam cristianizar a realidade instituída no *underground*. A pesquisa etnográfica, portanto, foi fundamental para análise e apresentação de dados, conforme será apresentado nos próximos tópicos.

Principais causas de constrangimento no *underground* campinense

Na pesquisa de campo, destacamos a importância atribuída pelos membros à incorporação de um comportamento adequado aos momentos dos *shows*, como forma de produzir pertencimento social ao grupo de *headbangers*. Nessas ocasiões, os membros se vestem de preto, calça camuflada e coturnos. Alguns homens deixam os cabelos

⁹ O termo “manchado” refere-se aos indivíduos que tiveram envolvimento com *Metal cristão* ou com questões ultraconservadoras, motivos que favorecem a perda da estima social por parte dos *headbangers*. Essa condição, no entanto, não é definitiva na vida do indivíduo.

crescerem, fazem tatuagens; utilizam das apresentações para aprender sobre as performances em palco e as músicas. As mulheres se vestem muitas vezes parecidas com os homens, mas elas também utilizam criativamente a estética e modificam o visual predominante masculino, colocando tarraxas metálicas e criando camisas ou calças customizadas, dentre outras mudanças produzidas por elas. O comportamento, considerado adequado pelos *headbangers*, bem como sua estética, compõem o que eles idealizam acerca do que são e de como devem agir em momentos de interação. Quando o comportamento não é adequado (como participar de *show* de *Metal secular* e depois ir à igreja) e sua estética é utilizada em demasia, eles entendem que tais ações desvirtuam a prática socializada no meio.

As casas de *shows* da cidade, localizadas quase sempre em “regiões morais” (Park, 1967), eram transformadas com a chegada dos equipamentos de som, caixa amplificadora, caixa de retorno, equipamentos de luzes e fumaça artificial. Além disso, havia mais dois elementos que compunham a estética dos palcos: a colocação de instrumentos como guitarra, bateria e contrabaixo; e a ornamentação com símbolos subversivos, tais como cruz invertida, pentagrama e desenhos de demônios e monstros, feitos à mão. Além desses, inserem-se ainda símbolos contra o fascismo e o *White Metal* no grupo. Assim, os membros entendem que há uma forma de comportamento, oposta ao Cristianismo, que deve ser mantida como apropriada ao momento do evento, mesmo que isso não esteja dito explicitamente ou claro para alguns *headbangers*.

Nos eventos, identifiquei o *white Metal* sentir-se deslocado quando estava na presença imediata dos “*seculares*”, pois estes sabiam ou desconfiavam de suas práticas religiosas. Apenas uma informação privilegiada, que algum membro do grupo possuísse, ou uma repentina revelação pública de que eles estavam compartilhando o mesmo espaço que um *white*, era suficiente para transformar o momento do *show*. Essas expectativas são obrigações morais demandadas pelos indivíduos que participam desses espaços urbanos nas noites de Campina Grande e sustentam suas práticas nos contextos dos *shows*. De fato, os envolvidos com a prática *headbanger* tendem a se comportar de forma adequada e isso revela que a prática social está sendo realizada de modo coerente. Entretanto, é preciso entender os momentos em que essa prática não se desenvolve de acordo com que está colocado em campo, gerando situações de constrangimento, a exemplo dos casos que relataremos a seguir.

Os depoimentos dos membros Franco (25 anos, branco e profissional de finanças), Luciano (30 anos, branco profissional audiovisual) e Helian (24 anos, branco e profissional

em vendas), durante os eventos, afirmavam que os *headbangers* possuem atributos, capacidades e informações que são obtidas por meio da socialização e da experiência adquirida por meio da convivência entre si. Nessas circunstâncias, dá-se o “aprendizado participativo” como afirma Coelho (2014), em que os *headbangers* aprendem uns com os outros nos espaços urbanos de que participam. Para eles, o indivíduo que entra no grupo e conhece sua prática forma sua carreira conforme o que está sendo socializado.

Franco, um de nossos interlocutores, relatou que, no início de sua inserção no grupo, participava de todos os eventos que eram promovidos na cidade; pois, segundo ele, parecia ser tudo igual pela estética. Assim como em outras cidades – São Paulo (Moraes, 2014), Sergipe (Wanderley, 2008), Fortaleza (Lima Filho, 2010), Recife, Natal, Brasília e Minas Gerais –, em Campina Grande, o grupo de *White Metal* realizava *shows* cujo intuito era produzir música cristã para os jovens da cidade com a estética do *Heavy Metal*. Isto é, o *White Metal* não é um fenômeno exclusivamente campinense. Por achar que todos esses eventos eram iguais, Franco participou de um *show White*, e membros locais obtiveram acesso às imagens do evento e as divulgaram como forma de deslegitimar aqueles associados à música cristã. Para Franco, essa foi uma escolha infeliz da parte dele e que ele entendia ter errado, justificando que, agora, tendo informação sobre *White*, ele não cometeria o mesmo “erro”.

Após o ocorrido, Franco passou a criticar o grupo do *White Metal* e denunciá-los nas rodas de amigos, quando os percebia nos *shows*, para demonstrar que sua conduta nos eventos e na vida havia mudado. Este fato revela aos *headbangers* que ele estava com seu *self*¹⁰ aceitável para as ocasiões dos *shows*, mesmo que, por vezes, Franco e alguns membros não percebessem a lógica do envolvimento de suas relações sociais fora daquele contexto. Ao passo que realizava esse movimento de adesão aos *headbangers*, Franco passou a valorizar suas interações com o grupo, respeitando e elogiando os *selves* dos outros membros, chamando-os de *brothers*, guerreiros e mestres. A pesquisa identificou que esses momentos de sociabilização do grupo de *Heavy Metal* têm como elemento estruturante a reivindicação de um *self* apropriado aos *shows* desse gênero musical. Pois, aqueles que vão aos *shows* de *Heavy Metal* não esperam que um “irmão” os evangelize, ou os proíba de beberem ou namorarem, pelo fato dessas atividades estarem, do ponto de vista cristão, relacionadas à ideia de pecado.

¹⁰ Entende-se *self* a visão que os indivíduos possuem de si (identificação, papéis e autoimagem). Essa visão não é estática, mas modificada ante os contextos de interação para ser reconhecido, o que mostra que os indivíduos são plurais e perpassados por outros aspectos, como raça, gênero e classe.

Em nossa pesquisa de campo, chamou a atenção o caso de Luciano, um jovem magro, branco, filho de pais evangélicos e ex-músico de uma banda de *Thrash Metal*. O rapaz participava de um evento de *Heavy Metal* no centro da cidade quando uma banda, formada por membros locais, proferia críticas pelo fato de ele haver se convertido ao Cristianismo e permanecer frequentando aqueles espaços. Em encontros pontuais e *posts* nas redes sociais, Luciano comentou que, em sua concepção, não haveria problemas em relacionar seu credo religioso e o *Heavy Metal*, uma vez que estava na posição de audiência. Mas a crítica apresentada aos demais membros daquele *show* se tornava forte devido ao fato de Luciano fazer várias idas e vindas entre o “sagrado e o profano”.

Diante desses acontecimentos, o vocalista da banda, munido do poder simbólico e *status*, afirmou: “Morte aos falsos, amigos! O seu Deus aqui não tem força, ele não existe, morte a você que crê no Deus falso”. Em seguida, acrescentou: “Somos uma banda compromissada com o verdadeiro *Metal*” (Santos, 2021, p. 99). A audiência e os amigos do vocalista presentes no evento gritaram em concordância ao que havia sido dito em alto e bom tom¹¹.

Esse evento colocou as reivindicações de Luciano e outros simpatizantes do *Metal cristão* em xeque. A forma de interação, socialmente acordada para aquele encontro, não produzia unidade, mas tensão social. O discurso realizado pelo vocalista revelou que algo estava “fora do lugar”, precisava ser dito e apresentado à audiência presente para, posteriormente, voltar a construir o clímax e a interação do encontro novamente. Após sua exposição, o vocalista afirmou que a próxima música a ser tocada seria “Massacre”¹², que trata sobre os verdadeiros “guerreiros da cena”. A canção, considerada pelo grupo como “hino do *Metal*”¹³, seria executada por um cover da banda brasileira Taurus.

Em outro momento, após longos anos distante da religião, Luciano voltou a reatar seus laços com os *headbangers*, mas, desta vez, ele fez amizade com membros de uma cidade vizinha – a cidade não será revelada para não haver a identificação do indivíduo – com os

¹¹ Fato importante a ser destacado: os *White Metal* compareciam apenas aos *shows* dos subgêneros “menos radicais”, como *Thrash*, *Heavy* e *Power Metal*. Nos eventos de *Death* e *Black Metal*, subgêneros considerados “radicais”, eles não se faziam presentes como forma de evitar algum tipo de animosidade.

¹² Um trecho da canção: “Vou à guerra, lutar/ Por um ideal/ Minha alma, doar/ Pelo Metal/ Vejo a glória, chegar/ Com o sangue/ Dos falsos, matar/ Até o final/ Massacre infernal” (Taurus, 1986). Link de acesso à letra completa: <https://www.letras.mus.br/taurus/692882/>

¹³ Bandas antigas, ou que estiveram na “origem” do *Heavy Metal*, são conhecidas como bandas que possuem “hinos ao *Metal*”. Trata-se de canções emblemáticas que glorificam e promovem o *Metal*, a exemplo da composição “Massacre”. A atribuição de “hino” pode ser verificada em mídias especializadas, tanto do *mainstream* quanto do *underground* sobre outras bandas.

quais formaria uma banda de *Metal extremo*. Ao publicizar e divulgar a criação da banda, alguns simpatizantes de Luciano mostraram apoio ao seu novo momento. Quando a nova banda veio a divulgar, nas redes sociais, os locais onde faria apresentações, membros do grupo local enviaram imagens de Luciano, tocando em igrejas, com bandas de *Heavy Metal cristão*, para uma página chamada “Total ódio contra os *White Metals*”, como forma de boicotar os eventos. Na referida página, disponibilizada no *Facebook*, a postagem trazia, como descrição, os seguintes dizeres: “Mais uma tentativa de um cristão se infiltrar no *Metal extremo*, não vamos permitir!”¹⁴.

Luciano estava no processo de reintegração ao grupo de *headbangers*, tentando se redimir e ingressar novamente na cena *Metal secular* local. Em conversas sobre o ocorrido, ele demonstrava estar ciente e envergonhado com toda a exposição a que fora submetido, bem como indignado com os autores daquela situação vexatória. Segundo o rapaz, ele suspeitava de um membro, mas não tinha provas; assim, ele contatou um membro local que curtiu o *post* da denúncia, vindo a revelar a vergonha, pois, agora, tratava-se um fato público e de conhecimento dos *headbangers*. Luciano tinha sua relevância na cena musical, portanto, a exposição fora feita no intuito de que todos pudessem identificá-lo enquanto “manchado”. O *post*, além do boicote, gerou uma situação de vergonha experimentada por Luciano, devido à exibição de um passado que não deveria ter sido revelado ou revisitado.

Contudo, a vergonha, no caso de Luciano, tomou outra dimensão: comentários na publicação afirmavam que a revelação atingia a todos os envolvidos; e, ao expor o suposto denunciante, ele próprio também se viu atingido pelo constrangimento. O “denunciante” que queria se passar por boa conduta, realçou a “mancha” de Luciano e sentiu a vergonha também – mas o denunciante estava resguardado pelo anonimato garantido pela *web* página. De toda forma, a situação acima não foi investigada a fundo por Luciano para descobrir quem era o causador da exposição, seus amigos e membros do grupo local, aqueles que tiveram conhecimento do ocorrido se solidarizaram com a causa e tentaram ajudá-lo na situação. Alguns membros do grupo queriam descobrir quem era o denunciante, outros membros não queriam. Houve, ainda, membros que falavam em “distinção” e outros que falavam que Luciano estava redimido e não precisava das críticas, isto é, alguns contra e outros a favor das críticas a Luciano, mas todos participaram daquele momento considerado vergonhoso ao grupo.

¹⁴ A *web* página foi desativada após denúncias da ocorrência de outros incidentes envolvendo a exposição de indivíduos que se sentiram lesados.

O caso de Helian se aproxima do de Luciano. Trata-se de um ex-membro de um grupo e produtor de *fanzine*; produtor de revista *underground*, participava de eventos e conhecia muitos membros em Campina Grande e em outras cidades, como se verá adiante. Certa ocasião, Helian conheceu um membro local, com quem combinou de produzir um *show* para uma banda renomada do meio *underground*. Ele havia ficado com a parte do *marketing*, da produção audiovisual do evento, mas relatou que, enquanto estava produzindo o material de divulgação, o amigo havia cancelado a parceria e seu apoio ao evento, gerando uma tensão entre ambos. Helian comentou que tinha sido colocado para fora porque não estava realizando o que havia sido determinado para ele. Após o ocorrido, teve duas fotos suas divulgadas nas redes sociais; na primeira, ele estava beijando uma cruz; e na segunda ele estava abraçado com freiras. Nesse período, Helian estava em processo de formação para tornar-se padre, fato que foi utilizado como uma das justificativas para retirá-lo da organização do evento. A página que realizou a divulgação das imagens afirmava, na descrição das fotos, tratar-se de mais um “impostor e falso que estava infiltrado na cena”. Após essa situação, Helian não compareceu aos eventos com receio de receber algum tipo de represália por parte de membros considerados, por ele, como “radicais” da cena local.

Ao conversar com Helian em contextos extraeventos, ele revelava um misto de sentimentos: raiva, vergonha e inconformidade, o que realmente demonstrava o seu apreço afetivo-emocional com o grupo de *headbangers*. No *post* da página, havia várias críticas feitas por membros locais e membros de outros estados, ampliando a revelação de um *self* que deveria permanecer oculto do conhecimento de todos. Alguns *headbangers* do sul e sudeste do país, que tiveram acesso à publicação, comentaram que ele enganou a muitos por não seguir o estilo de vida “preconizado” na cena *underground*; outros, por sua vez, comentaram que não estavam surpresos com as revelações. No caso vivenciado por Helian, portanto, a vergonha conseguiu ser ampliada de tal forma que chegou a atingir membros de estados distantes da Paraíba que fazem parte dos circuitos musicais no *underground*.

Os casos relatados são representativos de que há momentos em que o *self* de um indivíduo pode ser descredibilizado, gerando vergonha sobre si e o risco de ser “manchado” perante o grupo. A demasiada mudança de posição, realizada por Luciano, apresentou um *self* que os demais membros não simpatizaram. Situação análoga ocorreu com Helian, devido a sua relação com o *self* passado. Vestir-se a caráter, ter envolvimento e conhecimento social sobre o grupo, bem como tocar numa banda de *Heavy Metal* ou de seus subgêneros permite ao indivíduo projetar um *self* coerente e digno de respeito. No

entanto, quando esse indivíduo dá motivos para ser descredibilizado, “justificam” tais ações para não acreditar que se trata de um *headbanger*.

A forma como o evento *underground* se estrutura possibilita o encontro com o grupo e destaca alguns aspectos simbólicos. Exemplo disso pode ser visto nos comentários dos músicos, quando afirmam que, ao subirem ao palco, há outra pessoa para performance, “há uma mística no palco, é como se estivesse entrando em outra dimensão ao pisar no palco”, conforme declaração do músico do grupo em entrevista para uma mídia *underground*. Para esse músico, os *shows* eram considerados triviais, e que sentia indiferença com aqueles que não os apreciavam, uma vez que se tratava do momento de maior “clímax”. Esse tipo de declaração ressoa nos membros que são considerados “sérios” com o *Metal*, os quais se utilizam desses espaços como escape da rotina da semana laboral. Isso faz com que os participantes dos *shows* de *White Metal* ajam contra sua própria vontade, projetando reivindicações sobre si como tendo um comportamento restaurado. Os *headbangers* que contatei consideram incompatíveis as visões conservadoras e o *Heavy Metal underground*; eles compreendem como sendo “vergonhosas e falsas”¹⁵. O *show*, como espaço ritualizado pelos *headbangers*, tem início, meio e fim, e pode pressionar as relações entre eles ao revelar que há posições de poder relacionadas aos eventos (Segalen, 2002).

As observações de pesquisa demonstraram que os encontros proporcionados pelos *shows* compartilham a impressão de que seus participantes são indivíduos distintos no que diz respeito a posturas (não comparáveis com os *white*) e formas morais e sociais, por fazerem parte do grupo de *Heavy Metal* na cidade. Então, o ritual favorece o distanciamento entre os *headbangers* e os “manchados”, revelando o quanto as demandas do grupo se fazem presentes e são de forte impacto nas relações sociais dos membros, em especial, ao se distanciarem e trazerem um conjunto de aspectos compreendidos pelo grupo como vergonhosos.

Nos espaços sociais em que ocorrem os eventos, as formas de expressão do que é ser *headbanger* produzem desconfortos e ameaçam a suposição que um indivíduo tem acerca de sua identificação social naquele momento, em especial, aqueles “desviados” ou “desviantes” (Velho, 2012). Por exemplo, esses indivíduos não acreditam em suas reivindicações pelo fato de não se alinharem às demandas que são implicitamente mobilizadas no processo de socialização. Eles ou seus simpatizantes, os quais estão

¹⁵ Para essas situações eles utilizam o termo “*poser*” para se referirem a indivíduos que performam, dissimulam um comportamento que não é considerado real e verdadeiro. O vocábulo também é utilizado com mesmo sentido em outras cenas *undergrounds* no Brasil.

associados ao *White Metal*, sentem que manter a ideologia cristã no *Heavy Metal underground* produz vergonha, mesmo quando essa visão de mundo não é explicitada nos círculos de amigos. Quando eles não mantêm oculto seu dogma (o que muitos o fazem) ou algum membro descobre seu dogmatismo e compartilha na rede de amigos – sobretudo por se tratar de um grupo pequeno em que quase todos se conhecem e a informação circula rápido –, a vergonha aparece, sintomaticamente, como resposta aos atos realizados¹⁶.

Com isso, os membros presentes nos eventos entendem que não podem ficar sem as conjecturas, socializadas entre eles, e balizar suas críticas ao outro somente nelas (eles temem se denunciar ou denunciar seus parceiros ou deslizes que comprometeriam o caráter de alguns, como foi apresentado nas análises dos relatos). Na pesquisa de campo, ocorreu uma situação interessante acerca de deslizes que têm a força de comprometer os membros de um grupo. O fato se deu momentos antes de um evento realizado em Recife-PE, em 2019, quando um interlocutor apontou a presença de *posts*, em uma página da *internet*, que criticavam as bandas que participariam do espetáculo, devido, especialmente, à mistura de subgêneros musicais como *Black Metal* e *Hardcore* (mistura considerada desonrosa para alguns), como se demonstra no comentário da página: “Infelizmente acho que verei cartaz de banda de sertanejo tocando com banda de *Black Metal*; olha o que eu encontro? *Black Metal* com *Hardcore*. Que pena!” (Santos, 2021, p. 152).

Esse *show* em Recife tinha como proposta reunir vários subgêneros do *Metal*, com a participação da Taurus, uma das maiores bandas do *Metal* nacional, conhecida pelas canções consideradas clássicas ao grupo e por sua longa trajetória no gênero musical. O conjunto, em turnê comemorativa por seus 40 anos de existência, estava passando por algumas cidades do Nordeste. Meses antes do evento ocorrer, Franco informou, por rede social, que a banda de *Black Metal* que tocaria no evento tinha um passado incoerente pelo fato de, além de tocar com outros estilos musicais, havia sido composta por músicos advindos de grupos de *White Metal*. Ao acessar a *web* página citada por Franco, foi possível observar a presença de vários comentários que criticavam a atitude da banda de *Black Metal* com intuito de envergonhar e boicotar o evento de que iria participar, já que, para eles, bandas de *Black Metal* não poderiam tocar por ser um subgênero musical que se encaixa apenas com grupos semelhantes.

¹⁶ Elias (1990), um dos precursores dos estudos das emoções, destacou que a vergonha se torna uma tensão quando experienciada pelo indivíduo, gerando mudanças em sua personalidade e no grupo com que estabelece relação de interdependência.

Diante do ocorrido, o produtor do evento se posicionou na *internet*. Mesmo sendo um homem experiente no grupo de *Metal* em Recife-PE, ele ficou em choque – assim como outros membros – com as fofocas que circulavam, pois não esperava lidar com uma situação de *exposed* em seu evento. Como ele mesmo havia informado, o evento estava sendo produzido para agregar e reunir os subgêneros musicais, fortalecer a cena *underground* e agradar a todos. Após esses momentos, vários membros do grupo local e de outros estados comentaram no *post* do produtor, declarando apoio e reafirmando o compromisso de ir ao evento.

Dias após esse episódio, a referida *web* página voltou a tecer críticas à banda de *Black Metal*¹⁷, afirmando:

Agora entendi porque a banda de BM toca com bandas de HC (*hard core*) e outros estilos. Voltamos ao passado não é Sr. X (dono da banda)? Com as mesmas polêmicas *Poser*, agora deixam de ser polêmicas para serem fatos, não é? (risos). Agora em tua banda toca um guitarrista novo, um WHITE METAL chamado Y que também toca na banda tal (de *Metal gospel*). Quem diria, não é? Agora pode dar as mãos à toda escória que já poste aqui, parabéns” (Santos, 2021, p. 154).

Com esse último *post*, a página virtual trouxe também fotos de um músico que era envolvido, concomitantemente, com banda cristã e com banda de *Black Metal*, mostrando fotos dele com ambos os grupos. A postagem rendeu 130 curtidas e 40 compartilhamentos até a ocasião do registro. Apesar das sérias críticas que os músicos da banda sofreram, nenhum buscou responder ao *exposed*, apenas afirmaram em suas redes sociais particulares que a luta no *underground* continuaria independente de qualquer fato. Por fim, ao retornar à página da postagem, alguns membros comentavam que a banda “era um problema dentro de outro” pelo fato de ter relacionamento com músicos de *White Metal* e por suas performances:

- Agora eu vou olhar as bandas que tocam com eles e ver quantas apoiam esses merdas e todos os outros que já mostrei a farsa aqui (comentário 1, homem).
- Muito sem noção, uma desonra ao Black Metal (comentário 2, homem).

¹⁷ É importante destacar que, nesse meio, a história pregressa do indivíduo, com outras formas de expressão (como da religião mencionada), pode dificultar sua rede de contatos – como se verá – gerando vergonha, já que suas práticas serão de conhecimento geral, e podem manchar outras bandas.

- Antigamente a máfia do Black Metal seguia por currículo seletivo de reais membros e ex-membros do BM, desta maneira não tinha essa onda de ex-membro do Heavy Metal infiltrado (comentário 3, homem).
- Até os caras das antigas agora estão apoiando essa escória, não vou mais para show justamente por isso, NO FALSE METAL (comentário 6, homem) (Santos, 2021, p. 155).

Goffman (2011, p. 105) destaca: “A realidade inabitável se encolhe até que todos se sintam ‘pequenos’ ou ‘deslocados’”, pois a impossibilidade de ocultar os *selves* dos encontros sociais destaca a existência de uma discrepância entre o ordinário e o excepcional da vida social e, com isso, o surgimento da vergonha devido ao fato de os *selves* projetados serem incompatíveis no momento excepcional, mesmo que ambos tenham seus papéis fundamentais. Em situações de *shows*, o membro deve escolher um *self* para ser apresentado e, quando isso não ocorre, o primeiro *self* não consegue manter-se em harmonia com o segundo, como nos casos de Franco, Luciano e Helian. Com isso, a vergonha produzida devido a algum relacionamento ou proximidade com a religião gera no grupo uma separação de papéis.

Isso permitiria aos membros encobrirem o *self* apresentado fora dos *shows* porque os participantes da interação em momentos ordinários não seriam os mesmos dos eventos. O encobrimento da vida ordinária, ou mesmo do passado biográfico, possibilita aos membros do grupo a manutenção da identificação *headbanger* sem comprometer a vida dentro e fora dos *shows*. O músico entrevistado anteriormente relatou que, antes, os “ídolos” e “amigos” podiam enganar facilmente os membros do grupo, sendo duas pessoas diferentes, uma no *show* e outra no cotidiano, mas hoje em dia, com todo aparato tecnológico, de comunicação e informação, “dá para saber quem é sério de quem não é sério, hipócrita, *poser* ou mercenário”; o referido entrevistado afirmou ainda que se decepcionou com muita gente depois que descobriu os “podres” deles pelas redes sociais.

No entanto, todo *show* de *Heavy Metal* se insere num dado momento e espaços sociais de interação, nos quais o distanciamento atribuído à audiência não se torna possível e o encobrimento não se sustenta. Nesse momento, ocorre o clímax de tensão social entre os membros e os associados ao *White Metal*. Em tais ocasiões, a vergonha e o constrangimento, gerados no indivíduo devido sua crença religiosa, seguindo a perspectiva de nossa pesquisa, encontram-se no sistema social em que esses indivíduos tentam manter vários *selves* incompatíveis com a construção social da realidade instituída pelo grupo.

A ecologia do constrangimento

Ao iniciar essa discussão, foi apresentada a situação em que um *headbanger* anuncia a chegada de um indivíduo que se sente constrangido por ser ex-participante de *shows* de *Metal cristão* nos eventos de *Heavy Metal* em Campina Grande. Em seguida, discutimos de que maneira o fenômeno do constrangimento se apresenta nos espaços interacionais do *underground* campinense, nos permitindo essa “emoção”, do ponto de vista das Ciências Sociais. Com base nesses elementos, tem-se o esquivamento como uma prática que aparece recorrentemente na pesquisa desenvolvida entre os *headbangers* na cidade. Seguindo nossa proposta inicial, é possível entender a vergonha ou o constrangimento como mecanismos socializados nas interações pessoais de forma “espontânea”.

Nas ocasiões de encontros dos *shows*, os indivíduos que participam da socialização sentem vergonha porque eles tentam transmitir uma imagem que não condiz com os pressupostos da identificação social *headbanger*. Como se trata de um grupo ligeiramente pequeno, cujos membros são todos conhecidos, as informações acerca de quaisquer desvios do grupo circulam rapidamente. De forma discreta, muitos *headbangers* têm suas crenças religiosas, mas não as revelam de forma explícita porque sabem de que contexto da vida social eles estão participando.

Os *shows* em Campina Grande-PB, as caminhadas na cidade para eventos em praças públicas¹⁸, bem como as excursões para outros estados eram espaços em que os membros do grupo costumavam se reunir. Na frente das casas de *shows*, nos vendedores informais de bebidas e lanchonetes dos eventos, os membros do grupo, na condição de músico ou audiência, são iguais nesses espaços, mas ambos possuem posições diferentes, que os distinguem, distanciando-os nos encontros dos eventos. Essas situações eram marcadas por relações de *brotheragem*¹⁹ e distanciamento. Embora o grupo angarie prestígio e *status* no *underground*, ele ainda valoriza a produção de unidade e a identificação dos seus pares.

¹⁸ As praças que mais acolhiam os eventos *underground* eram: a Clementino Procópio, localizada no centro da cidade, popularmente conhecida como praça dos *Hippies*; e praça Cel. Antônio Pessoa, também no centro da cidade, e renomeada praça da Morgação. A “adoção” desse termo, o qual fora mobilizado por seus frequentadores, se deu pelo fato de usuários irem àquele local “passar tempo” ou consumir algum tipo de droga ilícita.

¹⁹ Categoria do campo para revelar o tipo de relação existente entre os *headbangers*. Os termos “irmão” e “*brother*”, constantemente pronunciados por eles no contexto de pesquisa, sugerem que as amizades que se formam naquele espaço têm um significado que perpassa gerações. Essas relações favorecem a participação de bandas e músicos em circuitos musicais no *underground*, conforme apontou Moraes (2014, p. 108), em sua pesquisa sobre *Black Metal* em São Paulo: “Existe um complexo arranjo de contatos

Essas situações de co-presença no início, durante e depois dos eventos permitem que os *headbangers*, músicos ou produtores (aqueles que são reconhecidos pela dedicação ao *Heavy Metal*, como os que trabalham com *fanzine*, possuem redes sociais para divulgação das bandas locais e produtores de eventos musicais), que ocupam posições de diferenciação, estejam próximos daqueles associados ao *White Metal*²⁰, tendo apenas contato inferencial.

Três momentos de pesquisa são importantes para ilustrar o distanciamento e o peso na irmandade dos membros que visam integrar parte de seu *corpus*. As duas primeiras demonstram a preocupação com o *self*, quando estão em contextos que o grupo pode considerar desviante; e a terceira que mostra a vontade de distanciamento e diferenciação do grupo para o *White Metal*. O primeiro exemplo se deu quando eu estava realizando uma baldeação para troca de ônibus (vindo da universidade para casa) e, ao descer e procurar o terminal de ônibus para meu destino final, identifiquei um membro do *Heavy Metal* local que conhecia dos shows. Ao ser identificado, o *headbanger* buscava formas de como poderia se esconder, esquivando-se atrás das pessoas que o acompanhavam ao “Maior São João do Mundo” – evento local focado no gênero musical *Forró*, realizado todos os anos na cidade e que atrai milhares de pessoas de todo o país –, numa demonstração nítida de que ser avistado “desviando” era desconfortável. A tentativa de se esconder reforça que aquele indivíduo reconhecia sua atividade como um desvio e que lhe envergonhava por não estar comprometido com o grupo – outros membros agiam da mesma forma quando descobertos.

A segunda situação aconteceu enquanto estava na universidade, quando colegas de cursos me chamaram para assistir às apresentações de música clássica que estavam ocorrendo no auditório principal do *campus*. Quando cheguei ao auditório e me acomodei na cadeira, identifiquei outro membro do grupo participando do coro musical. A atividade de tentar ocultar sua presença, após ser identificado, ocorrera novamente. Este membro buscava se posicionar por trás dos outros músicos como forma de dificultar seu reconhecimento. Assim, tais ocorrências demonstram a preocupação com o *self* nas atividades realizadas fora do contexto do encontro dos shows de *Heavy Metal* local.

estabelecidos entre hordas aliadas que possuem laços de amizade e respeito mútuo”. Apesar de se pensar a *brotheragem* como pertencente apenas ao universo masculino, há uma transformação dessas relações, que oportuniza a intervenção de mulheres e suas bandas.

²⁰ Devido esses últimos, muitas vezes, irem aos *shows* com camisetas de bandas “seculares”, estando eles, direta ou indiretamente, informando ao grupo que são associados ao *Metal cristão*.

Embora essas duas ocasiões não tenham o impacto como do Cristianismo no *Metal*, elas revelam a importância dos *selves* para os membros, de como eles não querem ser vistos.

O terceiro exemplo a ser comentado ocorreu numa excursão para a cidade de Recife-PE, entre dois membros, João Pedro e Gildo, mas antes é preciso apresentá-los para, depois, expor a crítica dos *headbangers* e a vergonha produzida no momento da viagem. Ambos eram conhecidos pela trajetória do grupo e por possuírem capital cultural que envolve o *Heavy Metal*, fator de diferenciação entre os membros, o qual é recorrentemente utilizado para mostrar os diversos aspectos que formam um *headbanger*. O primeiro era mais jovem que o segundo; conheceram-se nos *shows* e tiveram o mesmo círculo de amigos, já que o grupo não era grande. João Pedro, no entanto, realizou um evento com temática *White Metal* na cidade, fato que gerou uma repercussão “negativa”²¹ entre os *headbangers*, tanto presencialmente quanto nas redes sociais, motivo pelo qual terminaram a amizade.

Apesar do mal-estar provocado, esse membro continuou a produzir eventos para bandas de *White Metal*, marcando sua ruptura com amigos e contatos profissionais para produção e apresentação de bandas nos eventos de *Heavy Metal*. Com isso, ficou marcada a impossibilidade de misturar o sagrado e o profano, ou qualquer outra parceria entre eles. O rapaz, no entanto, se manteve firme no seu ideal de produzir espetáculos de *White Metal*, fato que reforçou não existir mais amizade entre os dois, afinal de contas, João Pedro ficou conhecido como alguém “manchado” no grupo. Caso voltasse aos *shows*, ele não seria bem recebido pelos *headbangers* e se, futuramente, desejasse retornar aos *White Metal*, tensionaria as relações com esses últimos; era necessário reconquistar o grupo em que desejava permanecer. Para os mais antigos *headbangers*, as ações do rapaz eram algo inaceitável pelo fato de entenderem o *Metal* como anticristão e repudiarem qualquer prática que se aproximasse do Cristianismo em seu meio social. Se ele buscou manter oculto dos *headbangers* sua simpatia com a religião, essa não foi bem-sucedida e ainda colocou em xeque as amizades que mantinha no grupo.

Anos após a revelação de João Pedro, ele buscou, mesmo que timidamente, retornar aos espaços dos eventos “seculares”. Aos poucos, foi-se demonstrando redimido e os membros foram-no incorporando ao grupo novamente. Os dois personagens principais dessa polêmica retomaram as relações (mas não como antes), época em que surge Beto,

²¹ Faz-se necessário destacar que a produção de eventos *white* é negativa em relação aos *headbangers*, uma vez que, além de produzir o espetáculo, eles precisam atrair um público. Entretanto, o trabalho é positivo para os adeptos *white*, pois é uma oportunidade de fazer seus eventos acontecerem.

membro *headbanger*, produtor de eventos e músico. Em ocorrências precedentes à excursão, alguns *headbangers* já comentavam, em rodas de conversas, acerca da volta do “ex-participante” e os planos dele em realizar parceria com Beto para produzir um evento de bandas *undergrounds*, sem envolvimento com o Cristianismo.

Retomando o contexto da viagem para o Recife: a presença de João Pedro na excursão causou um choque, o qual fora gerado por Gildo, ao presenciar o “amigo” participando das atividades novamente. Aparentemente, ele nutria algum ressentimento com o outro. Quando o grupo chegou ao seu destino, e João Pedro desceu no centro da cidade, Gildo esperou alguns minutos e começou a verbalizar sua indiferença, a qual fora registrada em nosso caderno de campo da seguinte forma: “Beto, porque você chamou esse *White Metal* de merda para nosso *show*? Esse cara não é nada. Além do mais, não sei o que ele busca num lugar em que só tem gente que pensa o contrário dele”, ao fundo do veículo comentaram: “Aqui só tem satanista porra!” (Santos, 2021, p. 82). Em resposta, Beto afirmou acreditar que o rapaz havia se redimido: “Cara, ele é muito importante para a cena, ele é editor de algumas revistas no país e, por favor, você sabe que estava faltando gente para completar a *van*, então não dava para dispensar ele” (Santos, 2021, p. 83). Na excursão havia 15 membros, grupo composto por músicos e audiência dos eventos realizados em Campina Grande. Todos presenciaram, atentaram e sorriram da discussão em curso.

A diplomacia operada nesses espaços, no entanto, não é regularmente controlada de modo a inibir a participação dos *whites*, já que eles – segundo os *headbangers* – se “infiltram”²² nos espaços de sociabilidade, o que leva a agregar participantes com diferentes gostos musicais do *Heavy Metal* e de prestígio no grupo. A co-presença de indivíduos de diferentes ideologias (políticas e religiosas) torna perturbada a forma de interação e de ação, no espaço social dos *shows*, entre os membros. Esta dificuldade não ocorre apenas nos momentos de maior clímax, como nos *shows*, mas nas ruas e lugares públicos, como *shoppings* e paradas de ônibus da cidade, em que o desconforto continua a se reproduzir, inibindo a possibilidade de estabelecer diálogo.

²² Para alguns *headbangers* mais antigos e produtores da cena na cidade, os indivíduos que entram e saem desse meio não possuem apreço pelas razões já apresentadas aqui, como também passam a entendê-los como infiltrados que desejam prejudicar as relações internas com a mancha que “carregam”. Por exemplo, a situação que envolveu João Pedro demonstra seu esforço para se reintegrar, tendo que negociar e mostrar redenção em suas relações para voltar a participar das atividades.

Flávio, ex-participante²³ do grupo *White Metal*, afirmou, numa roda de conversa antes da entrada no *show*, que seus antigos colegas do *White Metal* passaram a olhar para ele “de cara feia” ou desdém por ele ter mostrado sua adesão aos “seculares”. É claro que o mal-estar nessa relação, e em outras, pode ser evitado mediante desvio de olhares, limitação de contato físico ou verbal e indiferença pelos membros do *Heavy Metal* aos *White Metal* nos espaços públicos da cidade. Desse modo, a vergonha passa a circular nos eventos e, para além desses espaços, passa a fazer parte da vida ecológica do grupo na cidade.

A possibilidade de o membro mostrar seus vários *selves* leva-o ao desejo de se fazer presente nos eventos de *Heavy Metal*, bem como ao desejo de não participar de certos momentos de encontros – isso serve para aqueles que são do grupo. Resulta disso a vergonha ou desconforto, quando o indivíduo perde a compostura, objetiva ou subjetivamente, com ou sem a percepção do que esteja acontecendo. Se ocorrer a identificação ou a publicização de informações – como o envolvimento de um indivíduo com bandas ou simpatizantes do *White Metal* – que dilaceram o *self* no grupo *underground*, do *Heavy Metal*, isso acarretará numa oscilação da conduta empregada e, portanto, na visão do grupo, não deverá ser aceita.

O peso do constrangimento nas relações sociais no *underground*

Quando o *self* apresentado pelo membro é “manchado” durante os encontros, ele pode ser restaurado, de modo a desfazer toda a vergonha e constrangimento gerados pela exposição e pelas fofocas amplamente compartilhadas no grupo que o tornou “mal falado” ou mal quisto. Esse foi o caso de Franco após a exposição de sua conduta por um membro local, que havia denunciado os *Whites Metal* com intuito de desmobilizar a participação dos jovens e adultos nos *shows* cristãos. Ele comentou ainda: “Eu sou um homem livre que faz o que quer, independente da opinião alheia. Não sou cristão e que isso fique bem claro (fui na juventude como todos que nascem no Brasil), mas hoje tenho conhecimento suficiente para querer me distanciar dessa imundice” (*Caderno de campo*, 2021). Em outro momento, Franco reforçou seus argumentos dizendo: “Aquela minha participação no *show* de *White Metal* só me queimou, levou anos para eu me restabelecer

²³ Em outro trabalho, com previsão para a publicação na revista *Fênix*, discuti que o ex-participante do grupo pode retornar aos eventos e reconstruir sua vida, mesmo que ele tenha sido manchado por questões políticas radicais à direita, ou seja, por simpatia ao *Metal cristão*. Nesse meio, há a possibilidade de os indivíduos entrarem e saírem desde que cumpram rituais de demonstração pública de que se redimiu de seus atos que contrariavam o grupo.

como *headbanger*, para nunca mais eu comparecer num *show* desses” (*Caderno de campo*, 2021).

Helian também, após a exposição feita pelos membros do grupo, esforçou-se para mostrar que estava redimido. Por exemplo, em seu *fanzine*, ele desferiu algumas “agulhadas” naqueles que desacreditaram dele, sustentando sua descrença na religião dogmática já referida aqui, através de um “tutorial” sobre como membros do *Heavy Metal* poderiam cancelar o batismo católico, uma das provas de que ele estava se realinhando ao grupo. Na imagem a seguir, é possível observar o novo comportamento de Helian.

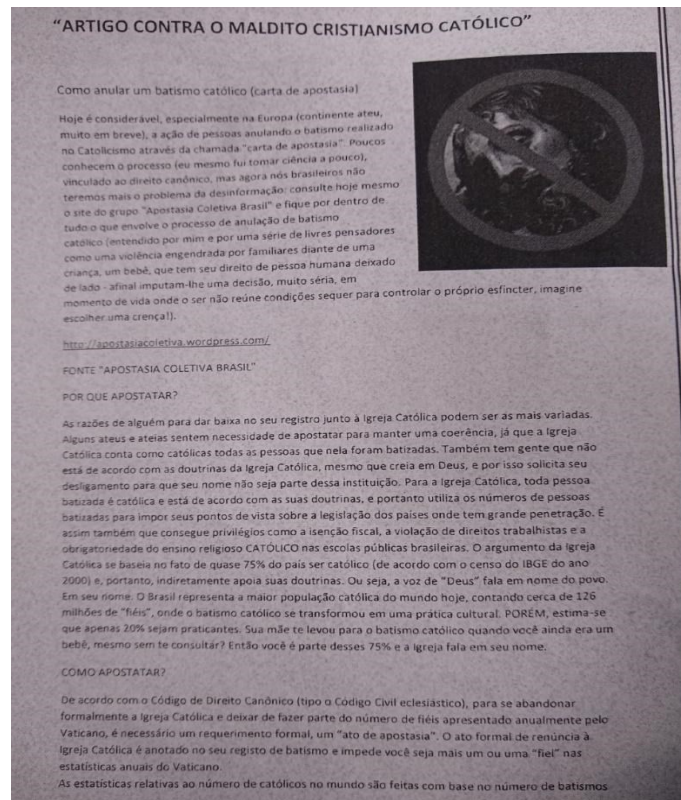


Figura 1 – Registro do *Fanzine* de Helian. Fonte: Acervo do autor, 2021.

A partir dos casos relatados anteriormente, percebemos que, apesar de todo o constrangimento vivenciado pelos indivíduos, bem como seus esforços em ocultar certas informações do público, os envolvidos agiam de modo a não afetar os eventos. Exemplo desse comportamento pode ser verificado no *show* que ocorreu em Recife-PE, envolvendo críticas a uma banda de *Metal extremo*. No pós-*show*, o produtor afirmou: “Venho agradecer imensamente aos *headbangers* que estiveram no *show*”, reforçando que a união poderia ocorrer entre as bandas e audiência de públicos diferentes. Foi uma festa linda, com segurança e respeito entre os participantes (Santos, 2021). Os membros que acompanharam o produtor disseram:

– Foi uma noite histórica, ficará em nossa memória. Obrigado a todos que estiveram presentes, que ficaram do início ao fim do evento, isso revela que a união é mais importante que divisão (Comentário 01, homem).

– Parabéns, produtor! Pela sua dedicação ao fantástico evento, agradeço por realizar eventos incríveis na cidade (Comentário 02, mulher) (Santos, 2021, p. 154).

Entretanto, quando o constrangimento ou a vergonha manifestavam-se nos *shows* de *Heavy Metal* local por meio de atitudes dos participantes, algo era registrado socialmente: os indivíduos envolvidos poderiam perder os seus *selves* ou poderiam se redimir em outro momento. Os casos de Gildo e João Pedro, assim como o da banda que sofreu *exposed*, evidenciaram o constrangimento e estes não podiam ser como antes, dissimulados, ocorrendo a oportunidade de, em momentos diferentes, ou confirmarem que o motivo da vergonha era real, voltando a se aproximar dos *whites*, ou romper definitivamente com o passado; ou seja, teriam a possibilidade de escolher que imagem iriam apresentar aos seus *brothers* e sentir segurança naquilo que desejavam ser.

A importância dos *headbangers* na interação e envolvimento como músicos dos eventos, por exemplo, pode ser “manchada”, comprometendo a possibilidade de participação em futuros encontros, ou criando dissabores diante do reconhecimento pelos amigos que compõem o grupo. A impossibilidade ou descoberta de que os *headbangers* não podem manter os *selves* dentro e fora dos eventos *underground*, e toda a tensão produzida pela publicidade dos fatos deteriorantes, ainda pelo que foi observado em pesquisa, o grupo abria a possibilidade de os manchados se mostrarem dignos em outros encontros. Assim, o constrangimento e a vergonha, advindos da associação, proximidade ou simpatia ao *White Metal*, surgiam devido ao comportamento socialmente estabelecido no grupo: o de ser oposição à religião que este estilo visa sustentar em suas performances e na vida social.

O que está sublinhado nesse conflito é a disputa da ordem organizacional, pelo fato de o *self* dos *headbangers* versar pela ordem organizacional instituída e legitimada para ser *headbanger*. O indivíduo, ao entrar no grupo, passa a realizar reivindicações num processo de formação em que ele vai aprender vários aspectos da identificação que precisam ser incorporados. Quando ele aprende sobre como ser *headbangers*, reivindica suas mudanças e elas são negadas, acaba enfrentando um sentimento de desânimo e indignação, como afirmou Helian quanto a ser criticado no grupo: “Participar do *Metal*, às vezes é terrível,

porque a gente sofre questionamentos que não condizem com nossa realidade, e pior, justamente por pessoas que a gente nem conhece e nem sabe de *Metal*'. (Santos, 2021, p.123)

Por outro lado, o que não está dito, acerca da reivindicação de músico do *Heavy Metal* no *underground*, é o princípio organizacional de que é a sua identificação e seu trabalho (e não apenas a execução de atividade de membro ou músico profissional) que irão posicioná-lo no campo. O desviante e o músico, quando chegam à mesa do bar no evento, ainda que não se conheçam, e o desviante tente tirar vantagem disso – quando se trata de um músico de fora do grupo –, apresentando-se como membro, não muda o fato de que ambos são diferentes em princípios organizacionais: no caso do músico, estamos falando de um artista que desenvolve seu trabalho com produção e apresentação musical em *shows*, em diferentes lugares do Brasil e do exterior, quando há turnês. O desviante, por sua vez, tem seus projetos de vida fora do grupo, desenvolvendo atividades em outros espaços, inclusive, o espaço da igreja²⁴.

Em situações em que músicos de fora do estado tocavam na cidade, membros os alertavam de que alguns indivíduos que transitavam no *show* eram *white Metal*, sendo essa a forma pela qual o membro local reforçava a diferença entre eles. Foi observado também que os *white Metals* tentavam criar um tipo de insulto, quando eles intencionavam estabelecer contato com esses músicos, demonstrando que estão brincando ou “zoando” com os princípios estabelecidos, já que os músicos de fora não os conheciam e não o poderiam julgá-los.

Por esses motivos, os fundamentos da organização dos *headbangers* entram em conflito em vários aspectos, quando esta organização passa a ser pressionada diante dos *whites Metal* e de temáticas cristãs em várias instâncias da vida social, uma vez que os princípios são opostos. Quando há exposição ou se torna de conhecimento público a situação considerada infâmia, pelo grupo, o indivíduo pode ter a identificação social

²⁴ Ao longo da pesquisa, alguns membros revelaram que, quando pensam em turnês, eles planejam uma agenda de férias coletivas, isto é, todos os participantes da banda entram em férias juntos para que a excursão fosse possível. Outros afirmaram não pensar em *tour* porque não conseguiam ajustar os calendários, mas isso não lhes causava frustração, já que outras viagens poderiam ser realizadas em menor escala, por exemplo, para o Norte ou Nordeste do país. Quando um dos membros não pode ir, os músicos decidem cancelar ou chamar outro parceiro para compor e garantir que a banda circule. No caso dos *White Metal* da região, eles não costumam viajar. Até onde foi possível verificar, a ocorrência dessa prática se dá mais no Sul e Sudeste do país com bandas *underground*.

“manchada” temporariamente – tendo a possibilidade de se redimir. Em outros casos, ele pode “manchar” o encontro com amigos que não tinham conhecimento de seus desvios; ou, ainda, a mácula pode se expandir e alcançar a dimensão da carreira dos músicos, impedindo a realização de *shows* ou gravações com outros artistas.

Uma prática regular de negação do *white Metal*, realizada, principalmente, pelos músicos, se reproduzia na pesquisa: “Onde tiver lugar para tocar e profanar a gente vai se apresentar, se não tiver cristão ou *white* no meio a gente toca”. O interlocutor reforça ainda: “tendo pessoas sérias e bandas sérias que não tenham também envolvimento com nazismo a gente toca”. Outro músico local afirmou: “Cara, eu não tocaria com banda cristã, muito menos com banda nazi” (*Caderno de campo*, 2021).

Alexander, o primeiro músico citado, participa do grupo há bastante tempo e possui *status* não só pelo fato de ser músico, mas por ser um dos primeiros a divulgar as bandas de *Metal* local e trazer visibilidade para os *headbangers* campinenses. Ele costuma enfatizar que, desde os anos 1980, o *Heavy Metal* é oposto ao Cristianismo, e que os *headbangers* precisam manter os princípios do grupo seguros e distantes das “manchas”. Isto demanda do indivíduo “jogo de cintura” para saber lidar com situações que podem ser consideradas vergonhosas ou constrangedoras quando estão fora dos princípios socializados internamente.

Considerações finais

O presente artigo teve como objetivo central entender o constrangimento e a vergonha operados no meio social *underground* do *Heavy Metal* campinense. O comportamento daqueles associados ao *White Metal* era considerado perigoso e poderia “manchar” o grupo, uma vez que esses indivíduos não eram convictos da identificação social que possuíam e não agiam conforme os demais membros, no que diz respeito à crítica ao *status quo*, em especial, ao Cristianismo. Foi demonstrado, por meio da pesquisa de campo, por que a vergonha era causada, seu alcance e a força para gerar ou desfazer laços sociais. O constrangimento produzido pela associação ao Cristianismo pode acarretar efeitos que os indivíduos não esperam (pelo fato de o senso comum acreditar que a consociação entre as duas instituições desorganizaria as interações internas, maculando suas carreiras morais no campo). Essa emoção está relacionada com as expectativas não realizadas no grupo, as quais envolvem questões estéticas, morais e de

consciência coletiva e social, isto é, de coerção social dos campos de poder, desse agrupamento, no contexto em que estão inseridos.

O constrangimento, associado ao tema desenvolvido aqui, era publicizado e compartilhado com os membros, através de fofocas e redes sociais, em diferentes momentos de sociabilidade. De acordo com o que a pesquisa tem demonstrado, essa emoção pode levar os indivíduos, que desejam participar desse meio, por diferentes rotas, tais como: evitar *shows* de caráter duvidoso; não deixar o dogmatismo religioso ser a maior identificação que almeja, ou não restaurar a identificação *headbanger* que foi “manchada”. A pesquisa também ressaltou que a oposição, quando não é realizada, causa vergonha e que essa tem um papel importante na manutenção do grupo, nos momentos de encontros e na regulação dos comportamentos esperados, levando em consideração as expectativas morais socializadas.

Ante as questões apresentadas, o artigo focou em destrinchar aspectos da vergonha, no campo de pesquisa, de três formas. Primeiramente, evidenciando as causas que geram e mobilizam a vergonha, bem como a sinalização do grupo com expectativa rompida, com relação aos membros que, de forma voluntária ou involuntária, se associaram ao *White Metal*. Em seguida, a vergonha ganha repercussão e começa atingir outros espaços sociais que antes não se esperava alcançar, fazendo com que o indivíduo “manchado” fosse conhecido não só na cena local, mas também por grupos de diferentes estados. Além disso, os membros “estabelecidos” procuraram utilizar o comportamento “manchado” como exemplo a não ser seguido, além de ser gerador de uma experiência vergonhosa para ser recordada na carreira moral do grupo. Por fim, a terceira forma revela que a vergonha – como o constrangimento – produzida pelo grupo sobre o indivíduo, ou gerada pelo próprio indivíduo, tem a possibilidade de ser revertida por meio da mudança de comportamento. Com essa contingência, proporcionada pelo grupo ao “manchado”, o sujeito tem a chance de reparar os problemas causados a si e à imagem da agremiação de que participa. Pois, segundo Koury (2009, p. 71), “cada indivíduo é um locus de tensão entre os constrangimentos da cultura, que solicitam o enquadramento a padrões específicos”. Com base nesta reflexão, consideramos que, diante dos casos apresentados, o indivíduo compreende que sua vida envolve possíveis momentos de constrangimento devido a pressões e atividades rotineiras na sociedade ocidental, e que ele deve desenvolver habilidade social para lidar com tais forças.

Referências

- BECKER, Howard. *Art worlds*. Berkeley; Los Angeles: University of California Press, 1982.
- BERREMAN, Gerard D. *Etnografia e controle de impressões em uma aldeia do Himalaia: desvendando máscaras sociais*. (GUIMARÃES, Alba Zaluar, org.). Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora S.A, 1975.
- COELHO, Patrícia Rodarte Silva Gomes. *Batendo cabeças: educação estética e política tecidas a partir do Heavy Metal*. 2014. 94f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade do Estado de Minas Gerais, 2014.
- ELIAS, Norbert. *O processo civilizador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.
- GOFFMAN, Erving. *Ritual de interação: ensaios sobre o comportamento face a face*. Tradução de Fábio Rodrigues Ribeiro da Silva. Petrópolis: Vozes, 2011.
- GRILLO, Carolina Christoph. *Coisas da vida no crime: tráfico e roubo em favelas cariocas*. 2013. 291f. Tese (Doutorado em Antropologia Cultural). Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2013.
- KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. *Emoções, sociedade e cultura: a categoria de análise emoções como objeto de investigação na sociologia*. Curitiba: Editora CRV, 2009.
- LIMA FILHO, Irapuan P. *Em tudo o que faço, eu procuro ser muito rock and roll: rock, estilo de vida e rebeldia*. 2010. 327f. Tese (Doutorado em sociologia) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2010.
- LOPES, Pedro Alvim Leite. Mundo *heavy Metal* no Rio de Janeiro. In: VELHO, Gilberto. *Rio de Janeiro: cultura, política e conflito*. Rio de Janeiro: Zahar Ltda, 2008.
- MALINOWSKI, Bronislaw. *Os Pensadores*. Tradução de Anton P. Carr e Ligia Aparecida C. Mendonça. São Paulo: Abril Cultural, 1998.
- MORAES, Lucas Lopes de. *“Hordas do Metal Negro”: guerra e aliança na cena Black Metal Paulista*. 2014. 218f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.
- PARK, Robert. E. “A cidade: sugestões para investigação do comportamento humano no meio urbano” In: VELHO, Otávio (org). *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro: Zahar, 1967.
- PEIRANO, Mariza (Org.). *O dito e o feito: ensaios de antropologia dos rituais*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará; Núcleo de Antropologia da Política/UFRJ, 2002. v. 12 (Coleção Antropologia da Política).

SANTOS, Muryel, M. *Performance e narrativa: uma breve análise a partir dos eventos de Heavy Metal underground*. 1. ed. Ananindeua: Editora Itacaiúnas, 2024. 46p.

SANTOS, Muryel, M. *Shows, bandas e audiência: Uma análise microssociológica entre os Headbangers da cidade de Campina Grande-PB*. 2021. Dissertação (Mestrado), Universidade Federal de Campina Grande, 2021.

SCHÜTZ, Alfred. *Fenomenologia e relações sociais*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

SEGALEN, Martine. *Ritos e rituais contemporâneos*. Tradução de Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002.

SIMMEL, Georg. *Sociologia*. Organização de Evaristo de Moraes Filho. Tradução de Carlos Alberto Pavanelli *at al.* São Paulo: Ática, 1983.

VELHO, Gilberto. *Desvio e divergência: uma crítica da patologia social*. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2012.

WACQUANT, Loïc. *Corpo e alma – notas etnográficas de um aprendiz de boxe*. Tradução de Angela Ramalho. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

WACQUANT, Loic. *Bourdieu in the City: challenging urban theory*. Cambridge: Polity Press, 2023.

WANDERLEY, Maurício. Vale Dourado. *A cena Metal aracajuana: identificação e conflitos entre grupos antagônicos*. 2008. 91f. Monografia (Monografia em Ciências Sociais). Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2008.

Discografia

TAURUS. *Signo de Taurus*, Point rock, 1986.

Recebido em 24 de abril de 2025.
Aceito em 03 de dezembro de 2025.